



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

EDSON ALVES PINTO

MEMÓRIA DA MIGRAÇÃO NA TRANSAMAZÔNICA NA DÉCADA 1970

ANANINDEUA
2022

EDSON ALVES PINTO

MEMÓRIA DA MIGRAÇÃO NA TRANSAMAZÔNICA NA DÉCADA 1970

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

ANANINDEUA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

P659m Pinto, Edson Alves.
MEMORIA da migração na transamazônica na década
1970 / Edson Alves Pinto. — 2022.
40 f.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Ananindeua, Curso de História, Ananindeua, 2022.

1. Transamazônica. 2. Migração. 3. Memória. I.
Título.

CDD 325.1

EDSON ALVES PINTO

MEMÓRIA DA MIGRAÇÃO NA TRANSAMAZÔNICA NA DÉCADA 1970

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes.

Data de Aprovação: 07/04/2022.

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes (Orientador)
UFPA – Campus Ananindeua

Prof. Msc. David Rodrigues Farias (Avaliador - UFPA)

Prof.^a Dr. Sidiana Consolação Ferreira Macedo (Avaliadora – UFPA)

“Posso todas as coisas naquele que me fortalece. ”
Filipenses: 4.13

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de entrar na faculdade e concluir o curso superior, pois se não fosse por Deus eu não teria conseguido.

Agradeço a minha família: minha esposa Cleonice da Silva Pinto, pela compreensão e incentivo para mim concluir o curso.

Agradeço aos meus filhos que me incentivaram a estudar, fizeram minha matrícula no ENEM e posteriormente o apoio durante o curso.

Agradeço ao meu cunhado João Martins e minha irmã Rosania Alves Martins, residentes na cidade de Placas, pela ajuda quanto ao apoio e as entrevistas dos pioneiros naquela localidade. Agradeço a meu Pastor Valdemar Nascimento de Oliveira, pastor presidente da Assembleia de Deus em Altamira, pelas orações e também pela contribuição, num trabalho de Pesquisa durante o curso, em que ele me atendeu prontamente.

Agradeço as orações da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Altamira a meu Favor.

Agradeço ao Pastor Jackson Oliveira, pelo incentivo para que eu não desistisse e continuasse o curso até concluir.

Agradeço a Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Ananindeua e Altamira, pelo curso de História ofertado, o qual eu me formei.

Agradeço em especial o meu orientador o Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, pelas orientações e contribuições.

Agradeço aos meus colegas da UFPA, em especial o Raimundo Pires, o Antônio Cleiton, a Thalia Karolaine, a Poliane Portela, e o Arivalto Teles, pela união e o apoio de um ao outro durante todos estes anos em que estivemos juntos para continuarmos e concluir o curso.

Agradeço o eng. Agrônomo Marcos Paulo, pelo mapa de localização de Placas.

MEMÓRIA DA MIGRAÇÃO NA TRANSAMAZÔNICA NA DÉCADA 1970

EDSON ALVES PINTO

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se propõe a analisar e compreender o processo migratório vivenciado no município de Placas, Mesorregião do Baixo Amazonas, pertencente à Microrregião de Santarém, na década de 1970. A construção da rodovia transamazônica e a migração de colonos foram de grande repercussão e destaque na imprensa. Contudo, para compreender este processo, abordaremos os conceitos de colonização como políticas públicas e memória. Para o desenvolvimento deste trabalho foi feito levantamento através de obras bibliográficas de autores que tratam do tema, e também foi feito levantamento de dados através de entrevistas com colonos pioneiros, buscando através da memória coletiva e de suas falas, saber o que os levou a tomarem a decisão de migrar para a Amazônia, e como ficaram sabendo das ações do governo para esse processo. Através, dessa entrevista, busco saber sobre as ações do governo e de seus agentes quanto ao cumprimento das políticas públicas no processo de colonização na região da transamazônica. E também juntar uma série de memórias para compreender sobre o modo de sobrevivência e a forma de organização social adotada pelos colonos na região da transamazônica. Com isso, busco também registrar através das falas dos pioneiros da transamazônica o resultado do processo de migração e seu impacto na atualidade. Sendo assim, espero que este trabalho seja de grande valia para futuras pesquisas e que novas gerações possam conhecer através das perspectivas de quem vivencio o processo migratório como de fato a história aconteceu nesta região.

Palavras-Chave: Transamazônica, Migração, Memória.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and understand the migratory process experienced in the municipality of Placas, Baixo Amazonas Mesoregion, belonging to the Microregion of Santarém, in the 1970s. The construction of the trans-Amazonica highway and the migration of colonists were a great repercussion in the television and newspaper. However, to understand this process, we will approach the concepts of colonization as public policies and memory. For the development of this work, a survey was made through bibliographic works of authors who deal with the theme, and data collection was also done through interviews with pioneer settlers, seeking through collective memory and their speeches, knowing what led them to make the decision to migrate to the Amazon, and how they learned about the government's actions for this process. Through this interview, I seek to know about the actions of the government and its agents regarding the fulfillment of public policies in the process of colonization in the trans- Amazonica region. And also gather a series of memories to understand about the mode of survival and the form of social organization adopted by the settlers in the trans-Amazonica region. With this, I also seek to record through the speeches of the pioneers of the transamazonica the result of the migration process and its impact today. Therefore, I hope that this work will be of great value for future research and that new generations can know through the perspectives of those who experience the migratory process as in fact the story happened in this region.

Keywords: Trans-Amazonica, Migration, Memory.

Lista de Figuras

Figura 1 – Cidade de Placas – PA	14
Figura 2 - Placa informativa e Lançamento da pedra fundamental da obra	15
Figura 3 – Família de Colonos em Placas-Pá	16
Figura 4 – Rodovia Transamazônica.....	18
Figura 5 - Tronco de uma castanheira com placa comemorativa.....	20
Figura 6 – Casa de colono padrão Incra	24
Figura 7 – Servidores da SUCAM.	25.
Figura 8 – Agrovilas na Transamazônica Altamira/Itaituba-Pá.....	27-28
Figura 9 – Agropolis Brasil Novo-Pa	29
Figura 10 – Colonos entrevistados.	31
Figura 11- Primeira Igreja católica e salão paroquial de Placas-Pá	35

Lista de Mapas

Mapa 1 – Mapa e localização de Placas	17
Mapa 2 – Mapa da Rod. Transamazônica cortando o Brasil da Paraíba ao Amazonas.	19

Lista de Siglas

CIBRAZEM: Companhia Brasileira de Armazenamento. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

PIN: Plano de Integração Nacional.

SUCAM: Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

SUDAM: Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.

SUDENE: Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Indicativos de Localização da Cidade de Placas	14
3. Rodovia Transamazônica (BR230)	18
4. Processo Migratório	21
5. Ações do Governo para Subsistência dos Colonos	26
6. Memória dos Colonos Pioneiros	29
7. Considerações finais	35
8. Fontes Orais – entrevistas.	37
9. Referencias.....	38

Introdução

“Eu chorava noite e dia e pedia pro marido pra voltar, mas ele não quis voltar, aí eu pra não ficar sem o marido tive que ficar, daí o Incra nos levaram para o km 235 onde conseguimos um lote era só a mata, eu trouxe um dinheirinho e comprei umas galinhas e uns porcos foi o que ajudou a sobreviver, graças a Deus não passamos fome, deixaram nois aqui que nem bicho teve gente que não aguentou seis meses”. Raimunda Rodrigues de Oliveira. (2021).

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa analisar e conhecer a situação dos imigrantes que mudaram para esta região, contemplados ou não pelas iniciativas do governo federal quando na implantação de uma política de colonização para esta região, os quais se estabeleceram nesta região vindos de outros estados do Brasil, como os nordestinos e sulistas, visando analisar a atuação de agentes sociais quanto às práticas do governo federal para com os migrantes, como cumprimentos de implantação das propostas e projetos para benefício e subsistência dessas famílias que se deslocaram para esta região, buscando entender o processo migratório que ocorreu no município de Placas oeste do Estado do Pará, microrregião de Santarém, correspondente a década de 1970.

Ao ser anunciada a construção da rodovia Transamazônica BR230, esta passou a ser um assunto amplamente discutido e divulgado, pelo governo federal, do regime militar, com o objetivo de ligar o Norte com o restante do país, ela também se tornava um meio de desenvolvimento para a região amazônica e o país, com geração de empregos e reforma agrária, devido ao processo de colonização que seria implantada ao longo da rodovia, Silva e Souza, (2017).

O governo federal planejou a ocupação e integração de toda a extensão da Amazônia Legal ainda dentro da concepção de um território de riquezas, desocupado, ou seja, um vazio demográfico carente de contingentes populacionais capazes de fomentar uma economia produtora de matérias-primas e gêneros alimentícios num lugar no qual pouco se produzia e isolados geograficamente e economicamente do restante do país. Ocupar a Amazônia Legal, para os militares, não se pautava apenas em uma política para o crescimento econômico do país, mas era também uma questão estratégica ocupar as terras, espaços vazios. Moraes (2014, p.34), se constituíam muito mais que uma estratégia de crescimento econômico, tratava-se, principalmente, de uma

estratégia militar de controle do espaço da Amazônia, uma estratégia do governo para Implantar as políticas públicas para a colonização na Amazônia, diante disto foram estabelecidas as políticas públicas para que ocorresse a migração na região norte do Brasil.

Para o desenvolvimento deste trabalho será utilizado fontes bibliográficas de autores que discutem o processo migratório, e entrevistas com os colonos que ainda residem na região, portanto inicialmente será feito através de análise bibliográficas um relato sobre a rodoviatransamazônica e a colonização de migrantes, relatando como se deu essa migração, expondo alguns elementos que movimentaram esta corrida de famílias em busca de um pedaço de terra nesta região.

Saber como os migrantes ficaram sabendo das ações do governo para esse processo, de colonização desta região e o que levou os colonos e suas famílias a migrar para a Amazônia, e também buscar informações com antigos colonos sobre o modo de sobrevivência e organização deles quando de sua chegada e como residentes na região da transamazônica, registrar na fala dos pioneiros da transamazônica o resultado do processo de migração na atualidade, Saber neste processo através do relato de vidas dos migrantes que se estabeleceram e permaneceram na região, como foi sua adaptação numa região bem diferente daquela em que viviam em seus lugares de origem, uma vez que muitas famílias saíram de sua terra natal e migraram para esta região em busca de uma vida melhor, através de aquisição de terras para trabalhar.

Este trabalho também visa trabalhar conceitos como de colonização como política pública e memória, neste segundo mais especificamente a memória coletiva.

A memória, individual ou coletiva tem uma relação, importante com o lugar, e este lugar é interessante para a construção dela, sendo que para falar de memória será, portanto, a memória coletiva. Júnior & Faria (2015). Memória, comenta em seu artigo que a grosso modo, chamamos de memória a capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações. Sobre o papel da história para a memória. De acordo com, Le Goff (1990) ele relata que o aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. Quanto à políticas públicas Moraes (2014) define de forma simplificada que as políticas públicas são decisões que envolvem questões de ordem pública com abrangência ampla e que visam à satisfação do interesse de uma coletividade.

A escolha dessa temática se deu por conta de um trabalho de campo realizado na agrovila vale piauiense km 23 sentido Altamira Brasil Novo, trabalho este, realizado pela turma de História do campus de Altamira, no 1º semestre de 2018, na disciplina: História Agrária do Brasil com o professor Dr. Francivaldo Alves Nunes, foi daí que aumentou o meu interesse por esta temática, o interessante também é que a migração sempre esteve presente na minha vida, primeiro pelo meu avô que migrou de Minas Gerais para o estado de Goiás, e Tocantins, por fim até o momento através de meu pai e meu irmão para o estado do Pará, cheguei nesta região na década de 1980, vindo do estado de Goiás, procedente da cidade de Araguaína que agora já é estado do Tocantins, na época em que cheguei fui direto para o povoado de Placas, situado a 240 km de Altamira, no sentido Altamira /Itaituba/Pá; esta localidade era uma região de muitos colonos, primeiro veio meu irmão, através do sogro dele, depois veio meu pai, três anos depois eu então vim para esta região, e agora como concluinte de graduação no curso de História tenho a oportunidade de pesquisar sobre essas temáticas.

Diante dos problemas vivenciados conforme os relatos dos que fizeram parte deste empreendimento, e também das fontes bibliográficas quanto às promessas nos discursos oficiais feitas com objetivo de ajudar os imigrantes, nas agrovilas na década de 1970, tendo como recorte a cidade de Placas, localizada às margens da rodovia transamazônica, no oeste do estado do Pará, a 240 km de Altamira/Pá, sentido Altamira / Itaituba.

Visando dar evidência às memórias daqueles que vivenciaram esse processo de construção e colonização da transamazônica, foram coletados e analisados relatos dos moradores das margens da rodovia que ainda residem no lote de terra localizado no km 235, a 5 km da cidade de Placas, e também dos que residem na cidade de Placas km 240 da rodovia transamazônica. Ressalto aqui que as narrativas usadas neste trabalho foram coletadas no mês de dezembro de 2021.

Visando um melhor entendimento deste trabalho, dividi este em cinco pontos a seguir: No primeiro momento é feito um relato sobre a localização da cidade de Placas, sua população e sua localização, para isto foi utilizado para pesquisa, site da prefeitura de Placas, facebook da prefeita de Placas Raquel Possimoser e no site do IBGE. No segundo é feita uma exposição sobre a construção da rodovia Transamazônica, e os órgãos do governo para o projeto de desenvolvimento e colonização das margens da

transamazônica. No terceiro ponto é relatado sobre o processo migratório para esta região, em que o governo utilizou de propagandas para que o povo tomasse conhecimento do projeto e embarcassem no sonho de ter terra para trabalhar. No quarto ponto um relato sobre as ações do governo para subsistência dos colonos, que além das agências do governo o projeto previa a criação de Agrovilas, agropolis e Rurópolis, ações que faziam parte do propósito para atrair os imigrantes, no quinto ponto às entrevistas com colonos pioneiros do município de Placas, e por fim as considerações finais em que se percebem as marcas do projeto de colonização na Amazônia e na vida das pessoas que fizeram parte deste projeto migrando para a região.

2. INDICATIVOS DE LOCALIZAÇÃO DA CIDADE DE PLACAS

Figura 1 - cidade de Placas



Fonte: pagina facebook de: placas Ascom

A cidade de Placas está localizada no estado do Pará, na região norte, e na grande Amazônia legal. Está a oeste do Estado do Pará, associada à Mesorregião do Baixo Amazonas, pertencente à Microrregião de Santarém, localizada ao longo da Rodovia Transamazônica, mais precisamente no km 240, no trecho entre os municípios de Uruará e Rurópolis. Surgida na década de 1970, a denominação do

município surgiu do grande número de placas nesse trecho onde se localiza a área urbana de placas foi exatamente onde se dividiam os trechos Altamira- Itaituba, onde o INCRA e o DNER construíram algumas placas explicando essa divisão, mas só se tornou município na década de 1990, com uma sociedade formada principalmente por Nordestinos e sulistas, a cidade na área urbana tem sistema de telefonia fixa e móvel, tem escolas de ensino fundamental e médio, e um hospital de estrutura física média, energia elétrica, pavimento urbano, energia rural entre outros. (Placas. pa.gov.br). Segundo o último censo (2010) a população de placas é composta por aproximadamente 23.934 habitantes e a população estimada para 2021 de 32.325 pessoas, (cidades /Brasil/IBGE).

Nos dias em que estive na cidade para a realização das entrevistas com os pioneiros, vi na rua principal da cidade de placas as margens da BR230, um espaço cercado com uma placa onde foi lançado pela prefeitura a pedra fundamental para construção de um memorial em homenagem aos pioneiros, projeto em parceria com o governo do estado.

Figura 2 - placa informativa e lançamento da pedra fundamental da obra.



Foto tirada com celular - autor



Foto tirada com celular - autor

Os colonos pioneiros de Placas-Pá são tantos, mas segundo informações, a prefeitura de placas só irá homenagear alguns deles sendo daqueles que já faleceram, quando buscava informação em placas por alguns dos pioneiros que seriam homenageados, fui orientado a acessar a página do facebook “Placas-PA de LÁ pra CÁ”, é um grupo idealizado e criado pelo professor de História Kleber Cloth Faleiro com proposito de valorização da memória local sobre a colonização e emancipação de Placas-PA; alguns dos que serão homenageados destaco aqui pelo menos três deles os quais são: Octaviano Ferreira de Macedo (Tata), Tata, como era conhecido, seu lote ficava muito próximo à reserva deixada pelo INCRA onde iniciou o povoado de Placas,

ele foi um dos fundadores de Placas, lutou pelo desenvolvimento da localidade. Wilson Cabral, paraibano, chegou em 1972, além de colono um dos primeiros comerciantes de Placas, sua lojinha também era ponto de receber as correspondências, pois no início não tinha correios em Placas, Joao Soares Sobrinho (João Danga) foi na década de 70 e 80, um dos maiores plantadores de cacau de seu tempo e um dos precursores desta cultura na região oeste do Pará, na transamazônica em sua propriedade, também foi pecuarista e cidadão dedicado ao município, contribuindo para a construção de escola, da Igreja católica e clube social.

Segundo Rego (2016) em seu artigo Utopia e Urbanismo Fundamentalista Transamazônica, o modo de vida dos colonos, idealmente formulado ditava que, todos os proprietários de terras e trabalhadores rurais residissem no lote urbano da agrovila, e não na propriedade rural, mas isso não foi obedecido muitos preferiram morar no lote rural, já que a distância entre a agrovila e a lavoura impactava negativamente na unidade da família, impedia que familiares ajudassem no trabalho da roça e também deixava animais e equipamentos desprotegidos na zona rural.

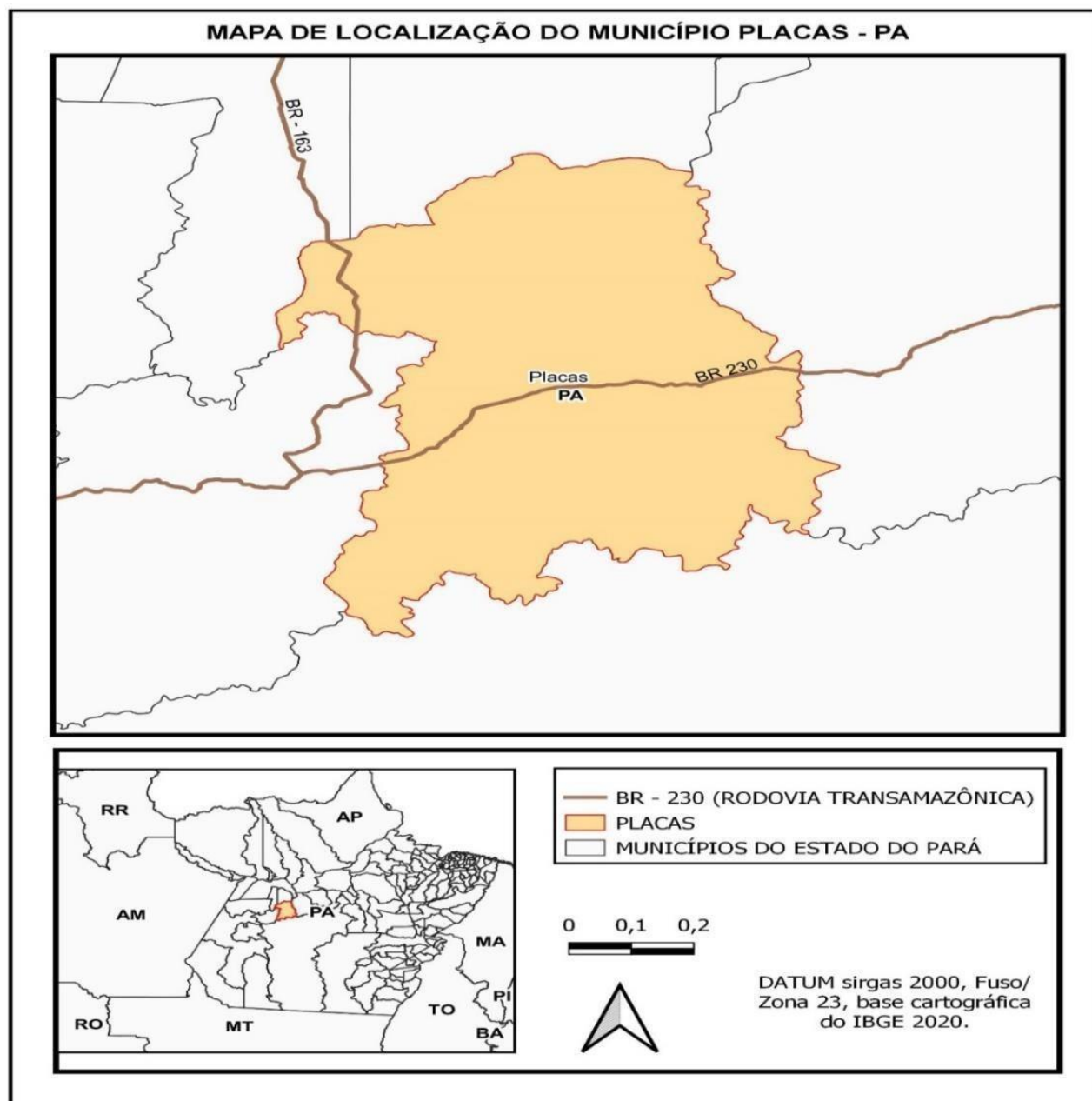
Em sua pesquisa Memória de migração na Amazônia: um estudo a partir das narrativas orais, dos sujeitos no território da Transxingu, Mendes (2018) relata que os recorrentes problemas sanitários e as dificuldades de locomoção são algumas das características que fazem desse território um espaço desafiador para quem por aqui chegou e viveu nesse espaço nessas mais de quatro décadas.

Figura 3 - Família de Colonos em Placas-Pa.



Fonte: Placas-PA de Lá pra cá - fecebook

Mapa 1: mapa de localização de Placas-Pa.



Fonte: disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>

3. RODOVIA TRANSAMAZONICA (BR 230)

Figura 4 - Rodovia Transamazônica



Fonte: (portal são Francisco)

A construção da rodovia Transamazônica foi destaque nos principais jornais, revistas, noticiários de circulação da década de 1970, sendo fonte de pesquisa e tema de diversos trabalhos, monografias e inspiração para diversas obras da literatura nacional. SOUZA (2017), em junho de 1970, o presidente da república Emílio Garrastazu Médici, após presenciar a situação de miséria do nordeste brasileiro que era fortemente castigado pela seca, assinou o decreto nº 1.106, que criou o Programa de Integração Nacional - PIN, que dentre outras providências, anunciava artigo 2º, a abertura da rodovia Transamazônica, anunciada como uma grandiosa obra para a integração definitiva da Amazônia ao território nacional. SILVA, (2018).

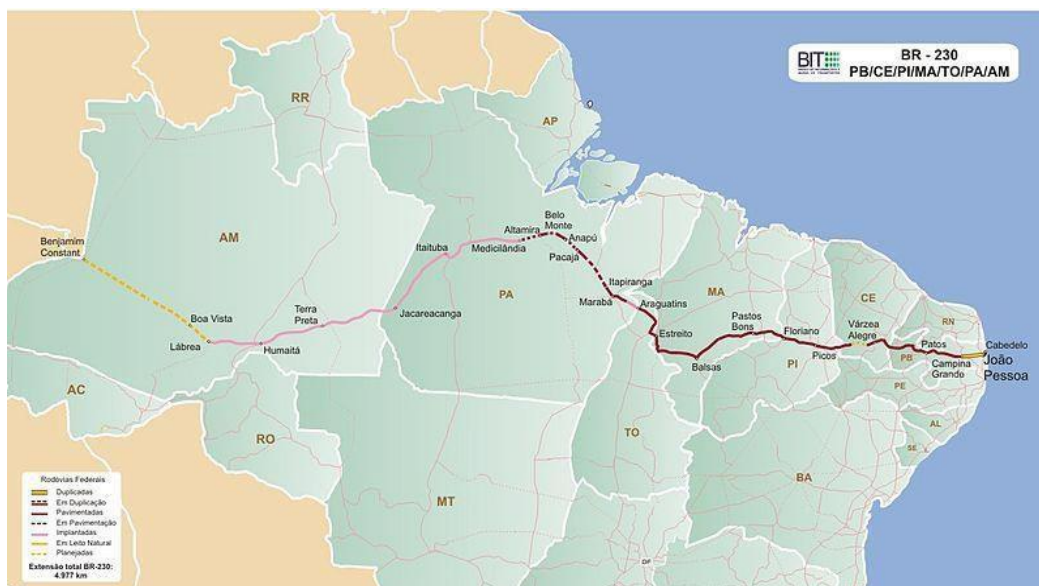
O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições... e considerando a urgência e o relevante interesse público de promover à maior integração nacional das regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDENE e da SUDAM. DECRETA: Art. 1º É criado o Programa de Integração Nacional, com dotação de recursos no valor de Cr\$ 2.000.000,00 (dois bilhões de cruzeiros), a serem creditados nos exercícios financeiros de 1971 a 1974, inclusive, com a finalidade específica de financiar o plano de obras de infraestrutura, nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDENE e da SUDAM e promover sua mais rápida integração à economia nacional. Parágrafo único. Os recursos do Programa de Integração Nacional

serão creditados, como receita da União, em conta especial no Banco do Brasil S.A. Art. 2o A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – CASA CIVIL, 1970).

Este documento cria os mecanismos necessários para a construção da rodovia, a qual é anunciada como eixo de uma das políticas mais divulgada na mídia do período: o PIN. Na publicação do Decreto-Lei ficavam muito claro que o foco central do PIN, eram as regiões Norte e Nordeste buscando, através dos recursos da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) viabilizar a integração e colonização. SOUZA, (2017)

A rodovia Transamazônica (BR230) foi construída no governo militar Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974), por ser uma obra de grande proporção foi conhecida como uma “obra faraônica”. Com o objetivo de interligar as regiões, especialmente a região norte, com o restante do Brasil e povoar uma área tão desabitada, ela foi concebida para unir os extremos oriental e ocidental do Brasil, começa em cabedelo região metropolitana de João pessoa / PB, passa pelos estados do Ceara, Piauí, maranhão, Tocantins, corta o estado do Pará inteiro, estado onde tem a maior parte do seu percurso até terminar no Amazonas, a ideia era chegar até Benjamim Constant / AM perto da fronteira com o Peru. (PORTAL SÃO FRANCISCO)

Mapa 2 - Mapa da Transamazônica Cortando o Brasil na Transversal, da Paraíba ao Amazonas.



Fonte: <https://transamazonia.files.wordpress.com/2012/08/br-230.jpg>

Segundo relato do repórter Emerson Penha, (2020) Documentário Record tv, atualmente a Transamazônica (BR 230) com mais de 4.000 KM entre Cabedelo / PB e Lábrea / AM, onde se deu por acabada a obra no Estado do Amazonas, planejada para integrar melhor o norte Brasileiro com o resto do país, foi inaugurada em 30 de agosto de 1972, não sofreu maiores modificações desde sua inauguração, por não ser totalmente pavimentada o trânsito na rodovia transamazônica é muito difícil na época de chuvas na região, e o desmatamento nas proximidades da rodovia é um sério problema criado por sua construção.

Em 1972 foi implantado no município de Altamira/Pá o marco zero da Rodovia Transamazônica (BR-230) pelo presidente do Brasil, Emílio Garrastazu Médici. Nesse dia foi organizada pelo governo uma grande solenidade no coração da Amazônia, algo que marcasse a história do país, uma castanheira foi derrubada na cerimônia de inauguração, o tronco da castanheira recebeu o nome de pau do Presidente. ", tendo nela escrito o texto a seguir: "Nestas margens do Xingu, em plena selva amazônica, o Senhor Presidente da República dará início construção da Transamazônica, numa arrancada histórica para a conquista desse gigantesco mundo verde".

Figura 5 - Tronco de uma castanheira com a placa comemorativa.



A placa comemorativa na castanheira de 50 metros derrubada na presença de Médici. Até hoje ficou conhecida como "Pau do Presidente"
<http://belenambulo.blogspot.com/2008/12/o-pau-do-presidente.html>

Este era o projeto da terra sem homens para homens sem-terra que pretendia

atrair os colonizadores para a região. A transamazônica parecia ser a grande solução para o país, ajudaria a tirar as pessoas da seca do Nordeste, resolveria a situação agrária no sul do país e resolveria a questão do receio da internacionalização da Amazônia.

Iniciava-se um período de intensa exploração da floresta amazônica, com assentamentos de colonos e abertura de estradas, que geraram os municípios da região como: Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Placas, Vitória do Xingu, Anapú, etc. e vicinais nos travessões que dão acesso a esses municípios. Segundo relato da entrevistada Expedita M. Marques, placas ainda não existia, era só uma reserva deixada pelo Incra, mas com a chegada de colonos logo começou, inicialmente com poucas casas, um posto da sucam para tratamento de malária, uma pequena farmácia e alguns comércio pequeno, onde os colonos podiam comprar itens básico de consumo como açúcar, café, sal entre outros, pois nos travessões as margens da rodovia a quantidade de colonos só aumentava, alguns colonos eram contratados pelo Incra para serviços de topografia e também para catalogação de espécies de madeira existente na floresta, as vilas foram aumentando rapidamente e na década de 1990 se tornaram municípios. Altamira se tornou conhecida nacionalmente com a visita do presidente para a inauguração deste marco, Altamira foi se tornando um grande polo nesta região, e é também denominada por moradores e comunicadores da imprensa de Altamira de “Altamira a capital da Transamazônica”.

4. PROCESSO MIGRATORIO

A colonização desta região da transamazônica, no trecho Altamira em direção a Itaituba, tendo a rodovia como a estrada de ligação das vilas de colonos rurais assentados, sendo um dos primeiros processos de vários outros com o objetivo de ocupação da Amazônia.

Os colonos impulsionados pelos discursos e as propagandas do governo, embarcaram nesse processo de migração, as notícias eram divulgadas pelo próprio presidente o general- presidente Emílio Garrastazu Médici, que esteve várias vezes in loco acompanhando as obras da estrada, como no ato simbólico da derrubada de uma enorme castanheira, que estabelecia o marco inicial dos trabalhos de construção da

grande rodovia, como fora noticiado na edição do dia 10 de outubro de 1970 do jornal Folha de São Paulo.

O governo através de propaganda na mídia oferecia incentivo além de prometer um lugar onde as famílias migrantes mudariam de vidas, teria na região um lote de terras, condições Financeiras, casas, escola agencia bancarias e mercados, promessas que não eram cumpridas pelos agentes do governo, conforme relata os colonos pioneiros, com tamanha decepção diante da situação que encontraram na chegada.

As pessoas informadas deste projeto através da mídia procuram os agentes do governo para se cadastrar e posteriormente após ter seu cadastro aprovado, embarca num avião lotado de famílias rumo à região norte, mais precisamente o estado do Pará, como relata Sebastiao Barbosa: ficamos sabendo através da propaganda do governo, viemos pelo governo num avião com nove (09) famílias de colonos.

No relato de Dona Maria das Graças de oliveira, percebe-se o quanto ela foi atraída pela propaganda do governo, quando ela diz: meu marido se alistou três vezes nunca foi chamado, mas ele não queria muito não, mas eu queria vim, a propaganda era grande porque repetia muito, primeiro ele veio sozinho, foi no Incra e conseguiu e foi buscar a família. Caso parecido com o da dona Maria Alexandre Martins, conhecida como dona Biá, relata que o marido incentivado pelo irmão que veio primeiro para esta região, quando chegou gostou muito apesar de não ter nada só à mata, não tinha Rurópolis e nem Uruará, veio com vontade de trabalhar porque não tinha terra no Ceará para trabalhar, conforme demonstrado no relato de dona Maria Alexandre, fica evidenciado que pela falta de trabalho ou de um pedaço de terra para trabalhar em seu local de origem, o porquê das pessoas ser atraídas pelo projeto de colonização do governo federal para a Amazônia.

As migrações no Brasil iniciaram de forma estrutural desde a colonização, e acontece até em nossos dias, mesmo que de forma diferente, porem sempre relacionadas à forma como está sendo distribuídas as riquezas, que está concentrada nas mãos de poucos, e do outro lado à pobreza que está nas mãos de muitos, que literalmente são obrigados a deixar sua terra natal em busca de melhores condições de vida, em outras regiões como aconteceu com muitos na região da transamazônica, comentando sobre isto, (Silva, 2018) relata que as migrações na maioria delas estão baseadas em situações de ordem econômica.

Mas o sonho dos colonos na região da transamazônica viraram pesadelos, problemas vividos pelas famílias, são relativos às demais tentativas de colonização e reforma agrária no Brasil, onde famílias são assentadas sem planejamento, sem condições de escoamento da produção e sem a seleção de pessoas dispostas a lidar ou saber trabalhar com a terra numa região diversificada como a Amazônia.

De acordo com MENDES (2018), O processo de colonização na Amazônia ocorreu de duas formas, na primeira as pessoas foram induzidas pelo governo, e a segunda de forma independente inclui nesta segunda o caso de meus pais e meu irmão, que vieram para a região por conta própria, é importante essa classificação porque na época da colonização ou mesmo tempos depois nem todos os colonos que vieram, foi através de seleção por parte do governo.

A colonização oficial implantada pelo Governo Federal tinha como órgão responsável pelo deslocamento e assentamento dos colonos nas terras loteadas, o INCRA, órgão que fazia esta coordenação. A colonização de forma independente era uma decisão tomada pelos próprios migrantes que era bancada com recursos próprios para se deslocarem de seus lugares de origem.

A colonização teve uma atuação muito grande na região da transamazônica, uma colonização oficial por parte do governo, sendo que neste processo concentrou-se um número expressivo de projetos oficiais, diante das políticas públicas elaboradas pelo governo para promover a colonização na região amazônica, MORAIS (2014, p.43) define o que é colonização com uma citação da professora Doutora Sueli Pereira Castro, da Universidade Federal de Mato Grosso, que define colonização da seguinte forma:

A Colonização, em seu sentido mais amplo, é o processo de ocupação de uma área, realizado por indivíduos de fora, colonos. Este conceito mais amplo, na realidade, confunde-se com povoamento. Mas num sentido mais governamental ou privado e, na história contemporânea, esse processo está estreitamente relacionado à apropriação privada do uso do solo e ao surgimento do trabalho livre, enquanto classe social. (Castro, 2022, p.41)

Após fazerem uma longa viagem até chegar à região da transamazônica, os colonos se viram decepcionados, com o cenário que encontraram, sem saberem o local certo onde seriam assentados, e a falta de cumprimento por parte do governo quanto ao que foi oferecido, levando-os a tomarem a decisão de se mudar para esta região, se

houve muito sobre isso nos relatos dos pioneiros. Na fala da entrevistada Raimunda R de Oliveira retrata bem esse cenário, ela diz que quando chegaram ficaram acampados no travessão da 13 Brasil novo, era só a mata, não aguentava o pium, também na fala de dona Maria A. Martins percebesse que quando eles chegaram não tinham ainda um local certo onde seriam assentados, segundo ela o pessoal do Incra colocou alguns colonos no carro e saiu pela transamazônica sentido Itaituba-Pá, para que os colonos escolhessem um lote para ali ser assentado, com isso vieram a ser assentados no km 235 próximo a Placas.

Após uma mudança brusca em suas vidas agora em uma região totalmente diferente da que eles viviam, agora passariam também a sentir o descaso do governo. Quando chegaram a casa para moradia ainda não estava pronta, ficaram acampados em barracas ou barracões, o apoio do Incra aos colonos nesta questão deixou a desejar, isto logo foi perceptível no contato com os colonos, segundo relato do colono Sebastião, as casas não estavam prontas, o pessoal contratado pelo INCRA para construir as casas começou a obra fizeram só a armação, mas logo depois abandonaram o serviço deixando no local a madeira e as telhas, aí eu fiz e terminei de construir, mas antes fiquei na beira da estrada em uma tenda, fiz um tapiri de palha de babaçu, eu não sabia nem cobrir com a palha.

Figura 6 - casa de colono padrão Incra



Fonte: arquivo do autor

Segundo relato de dona Maria Alexandre, quando chegaram aos lotes, Placas ainda não existia, era uma reserva deixada pelo Incra, tudo que eles precisavam era necessário buscar em Altamira, desde a comida e remédios e algum tratamento de saúde mais grave. Depois com mais colonos foi surgindo placas, algumas casas, foi instalado um posto da SUCAM onde eram tratados da malária.

Embora as condições ofertadas pelo governo aos colonos pioneiros no projeto ser satisfatórias, mas de acordo com os relatos dos colonos, nem tudo funcionava como previsto, como na assistência à saúde era precária não tinha hospital, de acordo com a dona Raimunda R. Oliveira, de vez enquanto passava um ônibus tipo ambulância, era do Funrural¹, eles passavam consultando as pessoas, tinha médico e remédios que eles davam para as pessoas. Havia também o pessoal da SUCAM que fazia um trabalho preventivo e tratamento contra a malária², uma época em que não se ouvia falar em dengue, Zika vírus e chicungunhas.

Figura 7 - foto de servidores da SUCAM.



Fonte: Placas-PA de Lá pra cá - facebook

¹ Fundo de assistência ao Trabalhador Rural

² Doença infecciosa, febril, potencialmente grave, causada pelo parasita do gênero Plasmodium, transmitido ao homem, na maioria das vezes pela picada de mosquitos do gênero Anopheles infectados.

Dona Maria das Graças elogia o governo, no seu comentário ela relata que o governo teve um projeto bom, o pessoal do Incra não cumpriu com o projeto, não entregava as coisas, veio muita máquina de costura, mas eles não entregavam pra gente.

Na educação também não foi de acordo com o previsto, segundo relato da dona Expedita não tinha escola os colonos foi quem fizeram uma escola para as crianças, só depois o INCRA fez uma escola no travessão do km 235.

5. AÇÕES DO GOVERNO PARA SUBSISTENCIA DOS COLONOS.

Para o processo de colonização na Amazônia o governo federal estabeleceu as políticas públicas para que ocorresse a migração na região norte do Brasil. MORAIS (2014, p.35) em seu artigo, comenta sobre as políticas públicas e cita O professor Doutor Elenaldo Celso Teixeira, Universidade Federal da Bahia, uma citação que elucida como podemos caracterizar política pública:

“Políticas públicas’ são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos...”

Além das agências governamentais existentes como a da SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), com a imediata colonização de suas áreas vizinhas e um programa de construção processo de industrialização da região Amazônica, entre outras. Nessa política, o INCRA (instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) seria o órgão responsável pela demarcação das áreas a serem colonizadas, com a distribuição de terras a pessoas que pretendiam se fixar no local.

De acordo com César Martins de Souza, em. Memórias da ditadura nas memórias da Transamazônica (1970-1990). O presidente Emílio Garrastazu Médici assinou o Decreto-Lei número 1 106, que criou o Plano de Integração Nacional (PIN). O PIN tinha como principais finalidades a abertura das rodovias de integração Transamazônica, entre outro na região norte do país. Outro decreto de abril de 1971 declarou as terras devolutas em uma faixa de 100 km, ao lado das rodovias na Amazônia Legal, como

áreas de segurança nacional, nas quais o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) iria implantar os planos oficiais de colonização por meio da entrega dos lotes aos colonos.

Ao longo da rodovia Transamazônica, o plano previa a construção de “agrovilas” (conjuntos de lotes com casas instaladas no espaço de 100 ha, que deveriam contar com uma escola de 1º grau, uma igreja ecumênica e um posto médico), de “agrópolis” (reunião de agrovilas fornecidas com serviços bancários, correios, telefones e escola de 2º grau) e de “Rurópolis” um conjunto de agrópolis. (Portal São Francisco)

Figura 8 - Agrovilas na Transamazônica Altamira/Itaituba. Agrovila km 50



Fonte: Rego 2016.



Fonte: facebook da Agrovila



Fonte: facebook da Agrovila



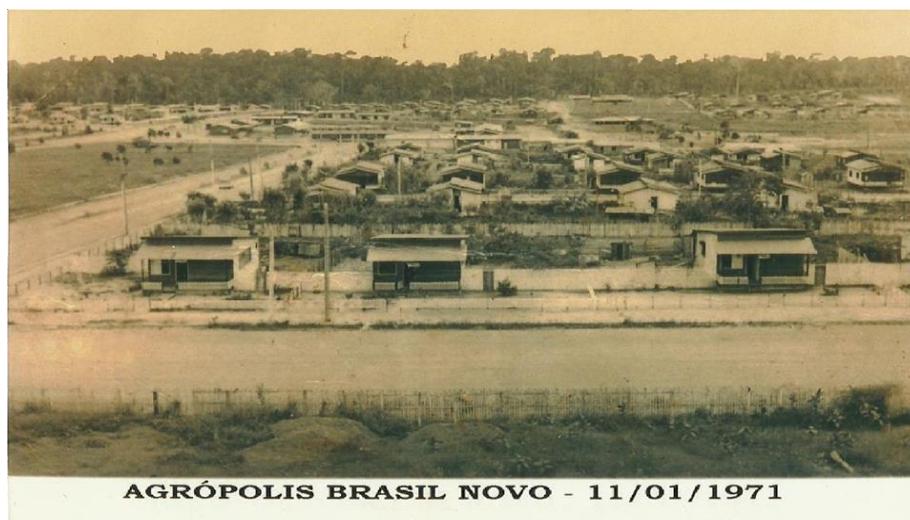
Fonte: facebook da Agrovila



Fonte: facebook da Agrovila

Na prática, foram implantadas poucas agrovilas e apenas uma agrópolis (Brasil Novo) e uma Rurópolis (Presidente Médici). REGO (2016) O propósito era atrair os migrantes nordestinos, confirmando a frase “vamos levar os homens sem-terra do Nordeste para as terras sem homens da Amazônia”. O processo de colonização, realizado contribuiu em larga escala para a emigração de sulistas e nordestinos e para o desenvolvimento da região. Atualmente, o Pará possui um grande rebanho bovino, e vários municípios se destacam na produção e na produtividade de cacau levando o estado do Pará a um dos maiores produtores de cacau do Brasil.

Figura 9- Agrópolis Brasil Novo



Fonte: <https://images.app.goo.gl/MwkXWxypitnPjzNZ7>

Portanto, a rodovia tornou-se via de ocupação (fixos e fluxos), orientando os fluxos migratórios para a Amazônia Legal. Como principais consequências dessa ocupação rápida, podemos destacar: o acentuado crescimento populacional e urbano, e os impactos ambientais.

6. MEMORIA DOS COLONONOS PIONEIROS.

Pesquisar sobre a imigração aqui no Pará, lugar onde moro há muitos anos, apesar de chegar depois dos primeiros colonos, mas ainda era uma região de muita mata e de grandes dificuldades, nos faz entender que as famílias de colonos que vieram para esta região, vieram atraídas pelas propagandas de incentivos do governo federal, mas que ao chegarem se depararam com uma realidade bem diferente da que esperavam, sem local certo ainda para moradia e a falta de apoio dos agentes do governo, uma situação bem difícil para quem tinha deixado seu local de origem para migrar para uma região totalmente diferente para conseguir um pedaço de terra, diante das situações adversas, agora se viam impotentes diante da realidade em que se encontravam.

São muitas as histórias relacionadas à estada das famílias migrantes nos acampamentos no início da colonização da transamazônica. As narrativas dos sujeitos obtidas constituem em uma estratégia metodológica privilegiada, uma vez que facilita a compreensão das trajetórias desses migrantes. Souza Martins, (2018).

Para entendermos o processo de colonização ocorrida na região, fazemos uso das memórias dos colonos pioneiros que fazem parte deste processo de colonização, estes relataram nas entrevistas, porque migraram para a Amazônia, as dificuldades encontradas ao chegarem, como foi sua sobrevivência diante da pouca assistência por parte do governo e as condições sociais, diante dos fatos narrados nos leva a entender as suas lutas por um pedaço de terra na região para mudar de vida.

As experiências relatadas pelos pioneiros são de lutas pela sobrevivência, numa região totalmente desconhecida, como relata dona Maria das Graças de Oliveira, procedente do Rio Grande do Norte com uma família de 14 pessoas, que lembra até o dia que veio foi no dia 28/11/1972, diz que o seu meu marido se alistou três vezes para vim, só conseguiu na terceira vez, ele não queria vim, mas eu queria, fiquei sabendo do projeto pela propaganda do governo na rádio Nacional, a propaganda era grande e repetia muito, quando chegamos não tinha nada, pior era o pium, deu vontade de voltar, no nosso travessão eram quarenta famílias de colonos só nordestinos, mas foram embora não aguentaram o sofrimento, só ficaram quatro hoje são fazendeiros, ainda no relato de dona Maria ela demonstra alegria ao falar e diz “gosto muito do lote, moro nele ainda, sofri muito, mas valeu a pena, graças a Deus eu venci”. São relatos comoventes que ainda trazem na memória. A grosso modo, chamamos de memória a capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações. JÚNIOR & FARIA, (2015).

Figura - 10: fotos de colonos entrevistados.

Foto: Maria das Graças de Oliveira



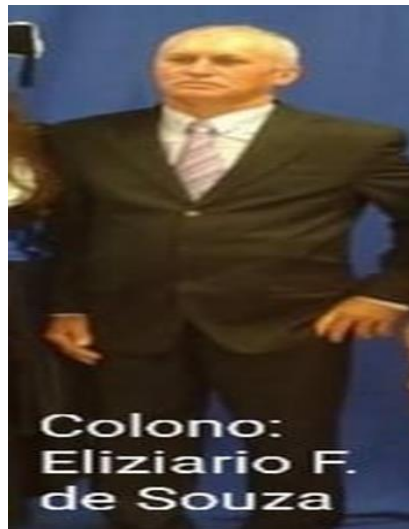
Fonte: foto do autor - celular

Foto - Maria Alexandre Martins



Fonte: Arquivo da entrevistada (pioneira)

Foto do Colono Elizario



Fonte: arquivo da família - facebook

Em entrevista com a dona Raimunda Rodrigues de Oliveira, 76 anos, ela relatou que veio de Barreiras no estado do Ceará em 1972, pelo governo numa viagem de avião, relata que a situação também foi bem difícil, uma família de 08 pessoas, sabendo do projeto do governo através da propaganda, veio trazida de avião pelo governo, no início ficou acampada no travessão da 13 Brasil Novo, o marido recebeu um lote no km 80 sentido

altamira/Itaituba, nunca recebeu casa no lote, se deslocava do travessão da 13 de pé buscar a feira no Brasil novo, única ajuda que recebeu foi a viagem de ônibus de altamira para o Brasil Novo, não aguentou o pium, dona Raimunda relata ainda que chorava noite e dia e pedia pro marido pra voltar, mas ele não quis voltar, ai eu pra não ficar sem o marido tive que ficar, daí o Incra nos levaram para o km 235 onde conseguimos um lote era só a mata, eu trouxe um dinheirinho e comprei umas galinhas e uns porcos foi o que ajudou a sobreviver, graças a Deus não passamos fome, para nos sobreviver meu marido Raimundo Alves de Oliveira, teve que arrumar um emprego no Incra fazendo a topografia na Transamazônica, todos os colonos que vieram por conta do Incra receberia uma indenização e ficava recebendo um salário mínimo por mês, mas nunca recebemos nada.

A situação vivida nos primeiros dias após a chegada, no relato de dona Raimunda demonstra a situação de arrependimento:

“Eu chorava noite e dia pedia pro marido pra voltar, mas ele não quis retornar”. “...Deixaram nós aqui que nem bicho teve gente que não aguentou seis meses”.

No caso de dona Expedita Martins marques, 75 anos, procedente de Quixadá no estado do Ceara, que também veio através do governo, as dificuldades entre os colonos que aqui chegaram são unânimes, veja o que ela diz:

“Chorei muito com medo de morrer, era só mata, muitos bichos, a onça esturrava perto de casa, mas aguentamos, viemos atrás de terra, no Ceara só trabalhava na terra dos outros”.

Ainda sobre as dificuldades dona Expedita relata que passava muita necessidade, “faltava café, açúcar, sal, o Incra trouxe e jogou aqui e deixou por conta, recebeu algumas roupas, rede e comida, mas só começou a melhorar depois que começou a plantar arroz, feijão e milho, plantava na beira da estrada porque no lote ainda era só mata, mas não quis voltar para o Ceara porque lá era um lugar que não chovia era muita dificuldade”.

Pimentel, (2012, p.56) relata sobre o fato de ter o grupo familiar como suporte para o processo migratório, quando alguém, um irmão, tio, primo veio antes e serviu de suporte para a família que veio logo em seguida. Ainda no comentário de dona Expedita, nota-se também este ponto importante, onde fica evidenciado a importância do grupo familiar como suporte no processo migratório, nesta região do estado do Pará, que foram assentados no município de Placas, a família serviu de suporte para outros familiares. Alguém como, irmão, filho, veio antes e logo depois veio a família. Conforme em seu

relato ela diz:

“Depois veio meu pai e minha mãe com meus oito irmãos, mas logo morreu meu pai e minha mãe de malária”.

Outro comentário sobre isso é o de dona Maria Alexandre Martins, disse que veio através do incentivo de um irmão que já estava aqui na região e este trabalhava no Incra, é o caso da minha família também, que veio bem depois por conta própria, primeiro veio meu irmão, depois meu pai com a família e por último eu.

Tratando de memória, quem primeiramente a conceituou foi o pensador francês Maurice Halbwachs (1877–1945) que empregou o seguinte conceito: a memória é a capacidade de recordar dados e acontecimentos. Esta função do intelecto humano tem uma dimensão dupla: a individual e a coletiva. O conceito memória coletiva se refere a todos os aspectos que fazem parte do legado de uma comunidade. Este termo está relacionado aos fenômenos associados a opinião pública e expressa o quadro social da memória compartilhada.

Outro colono entrevistado foi o senhor Sebastião Barbosa de Lima, 80 anos, procedente do Rio Grande do Norte, sabendo do processo através da propaganda do governo, embarcou numavião cheio de colonos com sua esposa e filhos, chegou à região em 1972, percorreu a transamazônica no sentido Altamira /Itaituba, recebeu do Incra um lote no km 232, e teve que fazer a sua própria casa porque no lote em que foi assentado não tinha casa feita, fizeram só a armação e abandonaram deixando no local a madeira e as telhas, com este material ele fez sua casa, mas para morar enquanto fazia a casa ele relata o seguinte: “antes fiquei na beira da estrada em uma tenda fiz um tapiri³ de palha de babaçu, não sabia cobrir com palha”. Sua esposa dona Maria também comenta dizendo:

“Falaram que a gente ia receber casa, 5 cabeças de gado, máquina de costura, só recebemos um salário durante oito meses e a mata, mas valeu a pena”.

Sebastião mesmo com a idade avançada e sofrendo com mal de Parkinson, fala com entusiasmo, que nesta região não tinha pragas, começou a plantar arroz, feijão e milho, a colheita era farta, perdia muito arroz porque não dava conta de colher tudo, trabalhava até a noite. Quando lhe perguntei se ele se arrependeu ele respondeu, “Não

³ **Tapiri** é uma palavra indígena que define: 1-Palhoça provisória onde se abrigam lavradores, caminhoneiros, etc...

me arrependi porque era muita terra eu falava assim uma terra no fim do mundo se me leva eu vou”.

Outra dificuldade relatada pelo senhor Sebastiao, era na hora de vender os produtos, quando colhiam como o arroz, o feijão e o milho, eram vendidos para a CIBRAZEM, Companhia Brasileira de Armazenamento, esta era uma empresa pública federal, constituída como fundamento na lei delegada nº 7 de 26 de setembro de 1962, vinculada ao ministério da Agricultura. Segundo relato do sr. Sebastiao as vezes demoravam muito para receber o dinheiro da venda da colheita, o pessoal da Cibrazem atrasava o pagamento.

Seu Sebastiao declara que ainda mora no lote a oito km de Placas, mora só ele e sua esposa, os filhos tem suas terras e quase não vai visitá-lo, com a saúde debilitada quase não sai do lote, mas se movimenta bem dentro de casa.

Já dona Maria Alexandre Martins, de 86 anos, viúva de Joao Martins Sobrinho (falecido com 86 anos de idade), apesar da idade, mas com muito vigor fala com alegria de sua jornada na transamazônica e também exalta o governo, disse ela que: “veio pelo projeto do governo, ela o esposo e os oito filhos, gostou muito apesar de não ter nada, seu esposa estava com vontade de trabalhar porque não tinha terra no Ceará para trabalhar, gostou muito do lote que o Incra tinha lhe mostrado, tinha muita agua, o governo não deu a casa, mas dava máquina de costura, empréstimo e comprava tudo para sobrevivência que depois era pago pelo o governo até o colono se firmar, muitos voltou mas nós contamos vitória”. Disse ainda que: “oito dias antes de vir para a região o governo vacinava o povo, era bem tratada pelo governo e não sofreu com malária, Placas era uma vila de colonos, o governo cuidava da saúde levava pra Altamira, as vezes até pra Belém, o governo fazia tudo pelo colono, a fatura era grande as plantações as caças, pedi a Deus um lugar bom. O governo comprava e pagava, era levado para a cibrazem em Altamira”, dona Maria Alexandre, faz elogios ao governo diz: “o governo prometeu e cumpriu, não tinha serviço o Incra colocava para ver as madeiras, espécies de madeira não me arrepende gosto muito daqui”.

Dona Maria Martins atualmente não tem mais terras, depois que o esposo morreu os filhos venderam os quatro lotes que ele deixou, mora na cidade de placas e tem alguns imóveis.

Outro colono entrevista é o senhor Eliziario F. de Souza de 68 anos de idade,

vindo do Ceará, chegou em 1974, relata ele que: “ era solteiro, tinha 18 anos de idade, veio por conta própria, relatou que quando chegou não acreditou que a região fosse para frente era só mata e ficou trabalhando para os outros, só depois se interessou e conseguiu comprar um lote com o dinheiro que ganhou trabalhando para os outros colonos, constituiu família e atualmente aposentado e apesar de ainda ter um lote mora na cidade de Placas”.

De acordo com PIMENTEL (2012), as pessoas que vinham para esta região tinham um objetivo, característico, oportunidade de trabalho, e, conseqüentemente melhorias na qualidade de vida, é o que comumente se ouvia. Este fato fica evidenciado quando comparamos os relatos dos entrevistados, que migraram para a região, isto era o principal motivo que levava essas famílias a tomarem a decisão de migrar.

Figura 11 - foto da primeira Igreja Católica e Salão paroquial de Placas-Pa.



Fonte: Kleber Cloth Faleiro (facebook)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da memória revelada pelos colonos pioneiros, entendemos que o processo de colonização da região, foi um projeto do governo que através de uma propaganda de incentivos e persuasão por parte do governo, as pessoas que estavam

em situações difíceis financeiramente e sem trabalho em sua região, e que, além disso, tinha um sonho de ter um pedaço de terra para trabalhar, viram neste processo de colonização do governo para a região ao longo do entorno da transamazônica, a possibilidade de ter uma vida melhor.

A história dessas famílias aqui reveladas demonstra que o governo por intermédio de seus agentes não conseguiu cumprir todos os compromissos assumidos para com os colonos que aceitaram a proposta do governo e se mudaram para esta região, diante disto eles tiveram que criar suas próprias oportunidades de sobrevivência, quanto a moradia, alimentação e alternativas de condições de enfrentamento das adversidades na floresta de mata fechada.

As memórias negativas observadas nos relatos dos colonizadores residentes as margens da transamazônica e em especial particularmente na cidade de Placas, estão relacionadas ao que foi prometido pelo governo e a realidade encontrada pelos pioneiros nos primeiros anos após sua chegada, as várias problemáticas reveladas em seus relatos, deixavam suas vidas na região com desafios difíceis que muitos que conseguiram e tiveram condições foram embora, outros morreram na região de doenças e trabalhos nos lotes.

Ouvindo essas memórias relatadas pelos colonos pioneiros, percebe-se que o plano de ocupação desta região amazônica projetado pelo governo federal, ficou marcado por um conjunto de ações que transformou esta região de florestas em uma região de produção agrícola, agropecuária e uma grande extração de madeiras e minérios.

Apesar das dificuldades e sofrimentos relatados pelos colonos, mesmo assim os que ficaram declaram com alegria a satisfação de ter permanecido na região e ter conseguido seu lote de terra e melhorar de vida, mesmo aquelas que já não tem mais sua terra, não tem vontade de voltar para sua terra natal, por gostar aqui da região, são pioneiros que desbravaram esta região e fazem parte desta história da imigração no Brasil e em especial particularmente aqui no Estado do Pará.

8. Fontes Orais - Entrevistas

- Entrevista com a agricultora e aposentada Maria das Graças de oliveira Morais, (20.10.2021).
- Entrevista com a aposentada Maria Alexandre Martins, 86 anos, (28.12.2021). Placas, 2021.
- Entrevista com a aposentada Raimunda Rodrigues de Oliveira, 76 anos, (28.12.2021), Placas 2021.
- Entrevista com a aposentada Expedita Martins Marques, 75 anos, (28.12.2021), Placas 2021.
- Entrevista com o agricultor e aposentado Sebastiao Barbosa de Lima, 80 anos, (29.12.2021), Placas 2021.
- Entrevista com o agricultor e aposentado Eliziario, 68 anos, (29.12.2021), Placas 2021.

9. REFERÊNCIAS

agropos.com.br/funrural/

a-história-da-transamazonica-o-sonho.html. Disponível: em
<https://blogdodamiaocavalcante.blogspot.com/2013/12/> acessado em 11/12/2021

Cidade de Placas disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/placas/panorama>
acessado em 05/01/2021.

dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/tapiri/cabana/

FRANCIVALDO, Jose da Conceição Mendes; SOUZA, Cesar Martins de. NETO, Jose Queiroz de Miranda. **Memórias de migração na Amazônia: um estudo a partir das narrativas orais dos sujeitos no território da Transxingu.** Disponível em
<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/4330/2585>>
acessado em 28.01.2020.

<https://conceitos.com/memoria-coletiva/> Acesso em 08/09/2021

<https://portal.fiocruz.br/taxonomia-geral-7-doencas-relacionadas/malaria>

<https://www.webartigos.com/artigos/uruara-para/44795/>

Imagens de transamazônica disponível em: <https://www.magnusmundi.com/rodovia-transamazônica-uma-estrada-que-liga-nada-a-lugar-nenhum/> acesso em 08.03.22

JUNIOR, Carlos Alberto Mourão; FARIA, Nicole Costa. MEMÓRIA. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/prc/a/kpHrP364B3x94KcHpCkVkQM/>>
Acessado em 07.09.2021

LE GOFF, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
Tradução de: Storia e memória. 1. Historiografia. I. Título.
Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acessado em 07.09.2021

Mapa de localização de Placas disponível em:
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html> acessado em 04/01/2021

MORAES, Adriano Knippelberg, **Colonização: uma estratégia utilizada pelo governo militar brasileiro para reocupar o território (1964-1985)**
Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol. 1, n. 1, jun., 2014. Disponível em:
Município de Placas disponível em: <https://placas.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/acessado> 04/10/2021.

Penha, Carlos, Conheça a História da Transamazônica Documentário Completo youtube.com.

PIMENTEL, Reginaldo Flavio, **Memoria e migração presentes em narrativas orais de migrantes nordestinos na Amazônia paraense**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Para, ILC, Belém, 2012.

Rego, Renato. Utopia e Urbanismo Funcionalismo na Transamazônica disponível em: <https://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/10.pdf> acessado em 09/02/2022

Rodovia transamazônica disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/meio-ambiente/rodovia-transamazônica> acessado em 13/12/2021

SILVA, Jose Valdemir Ferreira da. SOUZA, Cesar Martins de. **A Transamazônica: utopia e ilusão na obra de Odette de Barros Mott** Ano 9, Vol. IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 9-28. Revista EDUCAmazônia Disponível em: <file:///C:/Users/55939/Downloads/4582-Texto%20do%20artigo-12557-1-10-20180622%20(3).pdf> Acessado em: 30/08/2021

SILVA, Jose Valtemir Ferreira da. FRANCISCO, Pereira Smith Junior, SILVA, Aline Costa da. Migração e colonização da transamazônica na obra de **Odette de Barros** - junho 2018. Disponível: em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/6194-20376-1-PB%20(6).pdf> acesso em 30/08/2021.

Souza, Cesar Martins de. **A Colonização da Rodovia Transamazônica e os desafios de adaptação um estudo a partir da comunidade Carlos Pena Filho**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/342253983> acessado em 15/12/2021

SOUZA, César Martins de. **Memórias da ditadura nas memórias da Transamazônica (1970-1990)**. Disponível em: https://seminariomemoriatraumaereparacao.weebly.com/uploads/1/4/8/8/14881944/souza_cesar_martins.pdf. Acesso em 10/08/2019.

WOLLMANN, Waldemar, URUARÁ- Memórias do Povo. Uruará-PA: Gráfica São Gaspar-Prelazia do Xingu, 1994.